

REIS, Daniel Aarão Reis. **Manifestos Vermelhos e outros textos históricos da Revolução Russa**. São Paulo: Penguin Classics/Companhia das Letras, 2017. 479 p.

## **Antologia da Revolução Russa**

### *Anthology of the Russian Revolution*

Fabricio Leal de Souza<sup>1</sup>

*Manifestos Vermelhos e outros textos históricos da Revolução Russa* é uma antologia que reúne manifestos, discursos, poemas, canções, manchetes de jornais e memórias, totalizando oitenta e nove documentos. Organizada pelo historiador Daniel Aarão Reis e publicada pela Penguin Classics e Companhia das Letras, é uma obra que pode ser inserida no contexto das reflexões e debates sobre o centenário da Revolução Russa que aconteceram ao redor do mundo em 2017. No Brasil, dezenas de livros, eventos e dossiês em revistas procuraram debater os rumos da mais impactante revolução do século XX e que ainda inspira a cultura política do século XXI.

A coletânea é composta por um texto introdutório do autor, denominado “As revoluções que mudaram a história”, seguida dos textos históricos organizados em três partes: a primeira é “Fevereiro: a revolução anônima e unânime”, com doze textos; a segunda é denominada “Outubro: a insurreição vitoriosa”, com quarenta e nove; a terceira e última leva o nome de “O novo poder: ditadura ou democracia”, com vinte e oito textos. O leitor ainda encontrará uma cronologia de acontecimentos entre janeiro de 1917 e abril de 1918, disposta nos calendários juliano e gregoriano, além de referências bibliográficas sobre o tema nos idiomas português, russo, inglês, francês, espanhol e italiano, incluindo um breve comentário do autor. Por fim, a relação dos cinco tradutores e suas respectivas traduções, a maior parte traduzida diretamente do russo.

O texto de Daniel Aarão Reis não é propriamente uma introdução aos documentos. Em compensação, é uma introdução à história da Revolução Russa, situando-a desde o confronto com a dinastia Románov, passando pela guerra entre Rússia e Japão, pela Primeira Grande Guerra, até atingir as revoluções de fevereiro e outubro de 1917. Há uma contextualização que

---

<sup>1</sup> Universidade de São Paulo - USP. Doutorando em História Social. Bolsista do CNPq. Email: fabriciol@protonmail.com

toma, como referência, importantes e recorrentes momentos dos primeiros anos do século XX, tais como a disputa pela Manchúria, manifestações e repressão aos populares, greves e lutas por direitos no campo e na cidade, além de movimentos que reivindicavam autonomia e independência. Explora o turbilhão do qual surgiram os conselhos operários - conhecidos por soviets - e destaca as reivindicações por liberdades fundamentais e participação nas eleições.

O autor percorre a Primeira Grande Guerra e a conjuntura que intensificou os problemas internos, notadamente o sacrifício da população para alimentar a guerra. A sociedade civil organiza-se nos anos que se seguiram e as greves explodem a partir de 1916, culminando com a queda dos Románov em fevereiro de 1917 através de “uma revolução anônima, sem lideranças ou partidos dirigentes.” (p. 30) A condição revolucionária alimentou incertezas de todos os lados durante os meses seguintes, mas possibilitou aos soviets emergirem enquanto força que não mais poderia ser desprezada. Oito meses mais tarde, irrompe a Revolução de Outubro, devidamente planejada, ao contrário do que aconteceu em fevereiro, condição que alimenta os debates sobre ter sido golpe ou revolução.

A Revolução de Outubro, assim, foi inteiramente diferente da de Fevereiro. Uma operação militar organizada, em vez de vagas sucessivas de movimentos sociais. Objetivos definidos no lugar de esperanças e expectativas marcadas com o selo da indefinição. Uma tarde/noite decisivas em contraste com cinco dias que se desdobraram sem nenhum planejamento prévio. Soldados como atores principais, em vez de trabalhadores. Um comando centralizado no lugar de inúmeras coordenações dispersas e que nem sequer se conheciam. Uma revolução dirigida por lideranças visíveis, conhecidas, nomeadas, em comparação com uma revolução anônima. (p. 50)

A análise segue com as primeiras ações do governo revolucionário, apontando as demandas dos trabalhadores, as dificuldades para formar um governo socialista pluripartidário, a luta de povos pela autonomia e finaliza o texto no contexto da assinatura do tratado de paz na cidade de Brest-Litovski (hoje Brest, na Bielorrússia), em 3 de março de 1918.

Por sua vez, os textos históricos selecionados para a antologia compreendem o mesmo período abordado na introdução, com o intuito de fornecer “propostas e análises de outros atores políticos.” (p. 62) O autor afirma que “a expectativa é que a leitura e o conhecimento destes materiais suscitem dúvidas e controvérsias e se insiram na construção de uma perspectiva compreensiva e crítica do socialismo que predominou no século XX,” pois “vale sempre rever, tornando-as objeto de uma reflexão permanente que oriente a construção de um futuro politicamente democrático e socialmente justo. Afinal, eram essas as aspirações básicas do

socialismo democrático do século XIX, a serem consideradas nas propostas e programas socialistas do século XXI”. (p. 63)

Daniel Aarão Reis explora as contradições do processo e faz comentários sobre recentes pesquisas históricas, além de apresentar possíveis caminhos para analisar a revolução. Há também rápidas considerações sobre a acessibilidade aos documentos, via de regra oficiais, e de certas percepções teóricas que condicionaram uma leitura do passado soviético “a privilegiar a história baseada em fontes políticas, arquivísticas e escritas”. (p. 18) Destaca que essa tendência alimentou uma perspectiva na historiografia anglo-saxônica que realçava a centralização do poder e a sujeição dos cidadãos, ao ponto de caracterizarem a população russa de “seres humanos incapazes de vontade própria, ‘lobotomizados’”. (p. 19)

Estado e Partido Comunista eram sinônimos da própria história, seja qual fosse a perspectiva: “O que para uns era o Mal, em estado puro, para outros, a própria identidade do Bem. Inimigos irreduzíveis, tinham, porém, em comum, o ponto de vista de que as instâncias políticas ‘faziam’ a história, de cima para baixo, anulando-se toda e qualquer iniciativa da sociedade.” (p.19) Na década de 1960 há uma renovação dos estudos soviéticos e surge uma história social que apresenta novos caminhos para os “pressupostos e as conclusões dos partidários de uma história puramente política.” (p. 20). A essa renovação Daniel Aarão Reis procura filiar a antologia disponibilizada aos leitores brasileiros.

O riquíssimo material, no entanto, poderia ser explorado com mais intensidade durante a apresentação, pois é o que motivou a publicação do livro. Há informações apenas sobre a escolha do recorte temporal, mas faltam sobre a procedência, se foi pesquisado no acervo de arquivos russos ou se foram extraídos de outras coletâneas ou da Internet. A introdução poderia contemplar explicitamente a análise de alguns textos para evidenciar as possibilidades para as pesquisas sobre a Revolução Russa. Da mesma forma, seria conveniente informar quais desses textos já possuem traduções para o português e quais são inéditos. Na primeira parte somente o documento inicial possui informações de onde foi extraído. A cronologia, por exemplo, apresenta a relação das fontes utilizadas para a sua elaboração. O mesmo procedimento poderia ser utilizado com os textos traduzidos. São informações simples, mas que poderiam ser compartilhadas com o leitor. Em todo caso, é um detalhe que não ofusca a grandiosidade do trabalho de seleção e tradução.

Dentre os oitenta e nove documentos que compõem a antologia destacamos - a título de exemplificação - na primeira parte, “Vão pro Inferno!” (p. 92), escrito por Burliuk, Khlebnikov, Kruchonykh, Livshits, Maiakóvski e Severianin em 1914, e “Sobre a revolução de 1905” (p.

94), de Lênin, escrito em 1917. Na segunda parte, “Movimento Sindical” (p. 214), texto da Assembleia Geral dos Metalúrgicos de Petrogrado, que foi publicado no jornal *Pravda* em 1917, e “Sobre o governo” (p. 217), resolução dos operários de uma fábrica, publicada no *Pravda* em 1917. Na terceira parte, “Declaração dos direitos do povo trabalhador e explorado” (p. 351), escrito por Lênin e publicado no *Pravda* em 1918, e o “Manifesto da Federação Ambulante dos Futuristas” (p. 399), de Burluik, Kamenski e Maiakóvski, publicado no *Jornal dos Futuristas* em 1918. É uma pequena amostra de um denso material repleto de possibilidades, produzido por figuras conhecidas, mas também por anônimos que participaram do processo revolucionário.

Traduzir do russo para o português não é uma tarefa simples. De qualquer forma, fazem-se necessárias algumas observações. Ao escolhermos aleatoriamente textos da antologia para cotejar com o original em russo, surgiram questões sobre a tradução. Exemplo é “Discurso aos soldados”, proferido por Lênin e publicado no *Pravda* em abril de 1917. A sigla “ПК” (PK) foi traduzida apenas para Partido, escolha que pode sugerir ao leitor que é o “РСДП” (POS DR) - Partido Operário Social-Democrata Russo (bolchevique). No entanto, a tradução mais adequada para a abreviatura “ПК” é “Петроградский Комитет” - Comitê de Petrogrado. (p. 183) No texto “Primeiro Congresso Pan-Russo dos Poeteiros (Baiatchi) do futuro” é preciso reconhecer a dificuldade em traduzir “Baiatchi”, palavra do eslavo arcaico que não é usada no russo contemporâneo, mas recorrente em outros idiomas eslavos, tais como o búlgaro e macedônio. É derivada do verbo “баять” (Baiat’), que significa falar ou contar. As palavras que derivaram desse verbo pertencem à esfera da magia ou cura por intermédio da fala. Nos idiomas eslavos pode significar curandeiro ou feiticeiro, portanto, muito distante de “poeteiros”, cujo significado em português afasta-se da ideia de expurgo do manifesto. Nesse mesmo texto, a palavra “новые”, que se traduz para “novas”, foi traduzida para “modernas”, que por sua vez é “современные”.<sup>2</sup> No contexto futurista, “moderno” possui um significado muito específico e não há como equiparar com “novo”, portanto, a distinção deveria ser mantida. Há uma série de outras sutis divergências que não diminuem o excelente trabalho de tradução, mas que, para a segunda edição, talvez possam ser levadas em consideração.

---

2 Os textos russos que utilizamos para cotejar a tradução podem ser acessados na Internet. Disponível em <<http://leninism.su/works/70-tom-31/1925-rech-k-soldatam-na-mitinge-v-izmajlovskom-polku-10-23-aprelya-1917-g.html>> Acesso em: 22 set. 2017. Disponível em <[www.k-malevich.ru/works/tom1/index3.html](http://www.k-malevich.ru/works/tom1/index3.html)> Acesso em: 22 set. 2017.

*Manifestos Vermelhos* ocupará um lugar especial nas pesquisas acadêmicas ao possibilitar o acesso aos textos russos. Em sala de aula, poderá ser utilizado enquanto recurso didático. Em ambos os casos, contribuirá significativamente para ampliarmos os olhares sobre a Revolução Russa.

## **Referências**

REIS, Daniel Aarão Reis. *Manifestos Vermelhos e outros textos históricos da Revolução Russa*. São Paulo: Penguin Classics/Companhia das Letras, 2017. 479 p.

*Первый всероссийский съезд баячей будущего (поэтов-футуристов)*. Disponível em <[www.k-malevich.ru/works/tom1/index3.html](http://www.k-malevich.ru/works/tom1/index3.html)> Acesso em: 22 set. 2017.

*Речь к солдатам на митинге в Измайловском полку 10 (23) апреля 1917 г.* Disponível em: <<http://leninism.su/works/70-tom-31/1925-rech-k-soldatam-na-mitinge-v-izmajlovskom-polku-10-23-aprelya-1917-g.html>> Acesso em: 22 set. 2017.